

*Discurso na cerimônia de recebimento
do título de Doctor of Civil Law
pela Universidade de Oxford*

OXFORD, INGLATERRA, 14 DE NOVEMBRO DE 2002

Recebo este título da Universidade de Oxford como gesto de renovado apreço pelo Brasil e seu povo.

Sou, desde sempre, admirador de Oxford.

Sei da contribuição que a Universidade tem prestado à democracia parlamentar britânica, de Gladstone a Tony Blair, sem falar dos Oxoni-ans que fizeram história na diplomacia e nas finanças.

Também me considero cativo dos pensadores que promoveram em Oxford a tradição liberal inglesa, como Isaías Berlin, um verdadeiro apóstolo da liberdade e do pluralismo.

Tenho alguma familiaridade com a academia britânica.

Ensinei nos anos setenta em universidade vizinha, criada por dissidentes de Oxford, mas que soube manter uma convivência correta e enriquecedora com sua Alma Mater.

Pelo menos foi o que nos assegurou Lord Jenkins na Rede Lecture de 1988.

Se estive em Cambridge, não foram poucos os professores e estudantes brasileiros que souberam usufruir da hospitalidade e excelência de Oxford.

A criação do Centro de Estudos Brasileiros confirma Oxford como espaço de pesquisa e reflexão sobre o Brasil.

Na verdade, a Inglaterra jamais deixou de contribuir para o conhecimento do Brasil.

Permitam-me recuar no tempo e citar algumas obras seminais.

Lembro o relato de viagem de Maria Graham, um inspirado retrato de nossos primeiros anos. Ela também nos legou um esboço da experiência colonial.

Depois veio a obra clássica de Robert Southey, que, sem ter visitado uma vez sequer o país, mapeou com invejável tino sua evolução histórica.

A história do Brasil viria a constituir, como sabemos, um rico filão para os estudiosos ingleses.

Perdemos há poucos anos Charles Boxer, que deixou um legado imprescindível para os que buscam compreender o declínio do Império Português.

Mas os primórdios da Independência e o Brasil monárquico ainda contam com leitores da envergadura de Kenneth Maxwell e Leslie Bethell.

Se os ingleses acompanharam o Brasil, a Inglaterra sempre fez parte do imaginário brasileiro.

O encantamento é recíproco.

Não me refiro apenas à importância do pensamento inglês para a cultura brasileira, de que são mostras o diálogo de Machado de Assis com Lawrence Sterne e a presença do constitucionalismo anglo-saxão em Rui Barbosa.

Penso também nos brasileiros que pensaram a experiência inglesa. E o fizeram com nota, invariavelmente, positiva.

Joaquim Nabuco é um bom exemplo. Em seu ensaio autobiográfico, *Minha Formação*, a Inglaterra – onde serviu como diplomata – é tema maior.

Nabuco fala de Londres, que lhe causou, de todas as cidades, a mais profunda impressão, pela solidez e majestade, mas também pelo recato e urbanidade.

Percebe, na metrópole do mundo, a singularidade inglesa.

Louva o espírito inglês, a norma tácita de conduta que a Inglaterra inteira parecia obedecer.

Era a coexistência da tradição com o progresso.

Nabuco escreveu no fim do século XIX – ele que, para muitos, teve mais de cem anos, prolongados como foram seus efeitos.

As palavras de Nabuco soavam como garantia de que, para onde rumasse a história, a Inglaterra, sem sobressalto, atenta ao futuro, far-se-ia presente.

Gilberto Freyre não foi menos efusivo na demonstração de seu apreço pelo feitio inglês.

Privilegiava os figurantes mudos da história.

Asa Briggs chegou a situá-lo como precursor da história material ou, se quisermos, da história da vida privada.

Em *Inglese no Brasil*, Gilberto teceu um mosaico do que faziam os alfaiates, mecânicos, operários, artistas de circo, fotógrafos, modistas e atrizes inglesas que povoaram o Brasil na primeira metade do século XIX.

Para Freyre, o inglês foi um propagador da experiência tropical em suas variadas manifestações, dos hábitos populares às moradias, da culinária aos ritos, das igrejas às fazendas.

Daí a assimilação que Gilberto Freyre faz entre a maneira de ser inglesa e brasileira.

Inglese e brasileiros sabem acatar a diferença, ainda que isso implique um difícil equilíbrio de contrários.

Isso somente foi possível, arremata Freyre, pela disponibilidade nos trópicos da virtude tão inglesa do “compromise”.

A mesma observação foi feita por José Honório ao ressaltar a conciliação e o espírito de reforma na evolução da sociedade brasileira.

Há, de fato, muitos pontos em comum entre ingleses e brasileiros.

A começar pelo trabalho conjunto a favor de um modelo progressista de governança.

Coincidimos na busca continuada de um equilíbrio ótimo entre Estado e Mercado.

Por caminhos próprios, aprendemos o quanto importa conciliar equidade e eficiência.

O desafio assume urgência indeclinável no Brasil pela magnitude das carências sociais. Mas não a ponto de ameaçar o respeito ao dissenso, pelo contrário. Se algo se delinea no horizonte político brasileiro, é a radicalização da democracia, no melhor sentido da palavra.

É o reforço da participação da sociedade na condução da coisa pública.

O Brasil é como nunca a expressão de seu povo.

Traz o signo da esperança, do pluralismo.

Pluralismo de etnias, crenças e costumes, que também pauta uma visão de mundo.

Queremos um mundo onde a diversidade seja norma e não heresia.

A tolerância, virtude e não vício.

Isaías Berlin gostava da expressão kantiana de que “out of the crooked timber of mankind no straight thing was ever made”.

Era seu *leitmotiv* contra os paradigmas absolutos.

Preferia a realidade como ela era, plural, sem soluções últimas, por redentoras que soassem.

Assim o Brasil gostaria que se orientasse a comunidade das nações: pela utopia de uma governança global democrática e o respeito às normas multilaterais de convivência.

Crescemos na interação com os outros.

Queremos continuar a prosperar em diálogo com o mundo.

Agradeço, uma vez mais, à querida Universidade de Oxford pela distinção que, por meu intermédio, concede ao povo brasileiro.

Muito obrigado.